

## ESTUDANTE ONLINE: QUE COMPETÊNCIAS?

Maria Ivone Gaspar, Universidade Aberta, Portugal; Isolina Oliveira, Universidade Aberta, Portugal; Berta Bemhaja, estudante de Mestrado na Universidade Aberta, Glória Santos, estudante de Mestrado na Universidade Aberta, Manuela Dâmaso, estudante de Mestrado na Universidade Aberta, Natália Viseu, estudante de Mestrado na Universidade Aberta<sup>1)</sup>

Tendo por cenário o Mestrado em Supervisão Pedagógica, oferecido pelo Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta, o grupo de estudantes da edição de 2009-2011 desenvolveu uma investigação sobre as competências a exigir e a desenvolver por aqueles que querem aprender na modalidade *online*. Numa relação directa com esta problemática, estabeleceram princípios e delinearão questões frente a competências necessárias por aqueles que ensinam *online*. Pretendem, apenas, contribuir para a reflexão em torno de competências esperadas para a concretização do ensino e aprendizagem *online*.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem *online*; estudante *online*; competência.

### Introdução

A nova sociedade tecnológica apresenta enormes desafios ao nível da formação. Vários factores contribuíram para que, apesar de não constituir uma novidade no âmbito da formação, a educação a distância se tenha vindo, paulatinamente, a constituir como um regime de ensino cada vez mais importante, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem ultrapassasse todas as condicionantes temporais e físicas. A necessidade de aquisição de novos conhecimentos e a rápida desactualização dos adquiridos, em princípio de carreira, mudaram as concepções tradicionais de ensino-aprendizagem.

O incremento do uso do computador aliado ao advento e à generalização da Internet transformaram o ensino a distância, facilitando o acesso, de quase todos, ao conhecimento e à formação, tornando-o interactivo e promotor das aprendizagens ao longo da vida, desenvolvendo a autonomia e o aprender a aprender.

Também, segundo a Comissão Interministerial para o Emprego (CIME), Formação a Distância caracteriza-se pelo "Método de formação com reduzida ou nula intervenção presencial do formador e que utiliza materiais didácticos diversos em suporte escrito, áudio, vídeo, informático ou multimédia, ou numa combinação destes, com vista não só à aquisição de conhecimentos como também à avaliação do progresso do formando".

Em sentido lato, Educação a Distância (EaD) refere-se a qualquer regime de educação em que o professor e o aluno se encontrem em locais geograficamente afastados e a distância entre professor e aluno é mediada por materiais impressos e meios

electrónicos, tal como encontramos na definição apresentada por Portway e Lane (1994) «O termo Educação a Distância engloba todas as situações de ensino e de aprendizagem nas quais o instrutor se encontra geograficamente separado dos seus alunos, necessitando, por isso, de recorrer a materiais impressos e electrónicos para disponibilizar/distribuir os conteúdos dos programas junto dos destinatários». Esta interligação entre todas as partes foi evoluindo ao longo dos tempos, e, com a utilização da tecnologia, deu origem a diferentes modalidades de ensino a distância. Hoje, tornou-se frequente o uso de uma plataforma electrónica, responsável por ambientes virtuais, onde são disponibilizados conteúdos de forma estruturada, onde se criam contextos e se contratualizam actividades e onde se encontram uma série de ferramentas de comunicação, que possibilitam a colaboração e a construção da aprendizagem em rede entre todos os agentes intervenientes, denominadas plataformas de *e-learning*. Entende-se por *e-learning* o uso da tecnologia em rede para desenhar, seleccionar, gerir e ampliar a aprendizagem.

A educação a distância é distinta do auto-estudo, uma vez que implica uma organização de ensino apetrechada de “métodos, técnicas e recursos, previamente seleccionados, com vista à prossecução dos objectivos de um sistema, de um plano ou de uma acção de formação...”, e que também tem a finalidade de “criar e desenvolver no indivíduo aptidões, conhecimentos, competências, atitudes e um comportamento que visa o desenvolvimento global da sua personalidade, a sua integração na sociedade e o seu empenhamento na transformação progressiva dessa sociedade”, conforme refere o estudo do CIME .

A educação presencial caracteriza-se, de imediato, pela partilha de um mesmo espaço físico onde um indivíduo (professor/formador) transmite conhecimento a um grupo de outros indivíduos (alunos/formandos), estabelecendo-se uma interacção pessoal, num espaço formal e previamente definido, podendo ser a sala de aula. O diálogo proporcionado é feito, predominantemente, na linguagem oral, fluida e há sempre um tempo de escuta: os diferentes interlocutores interagem, escutando-se, mas perdendo parte da informação que não é retida. A interacção é, sempre, feita no momento, com comentários, perguntas e dúvidas, estabelecendo-se relações baseadas nas emoções provocadas pela entoação de voz, pelo olhar, pelos gestos, tornando-se mais "espontânea" e, por vezes, mais estimulante.

Já referimos que a educação a distância pode ser realizada através de uma plataforma de *e-learning*, sendo desencadeada pelas pessoas (professores/formadores e

alunos/formandos) que a procuram independentemente do lugar do mundo onde estejam, encontrando-se numa sala de aula virtual. O diálogo proporcionado é feito na linguagem escrita o que implica outro grau de atenção, exigindo mais tempo. Escutar, aqui, é ler. Ler os textos e as mensagens de todos os envolvidos no processo. Tudo o que se escreve permanece para poder ser lido e relido, pensado, reflectido, reestruturando o pensamento sobre os mais variados assuntos, formulando novas reflexões. A interacção pode ser estabelecida no momento ou diferida, fazendo com que a análise seja um produto efectivamente construído. A partilha do conhecimento em grupo enriquece as interacções entre os estudantes, fomentando-as. Cada indivíduo é levado a construir o seu conhecimento, constituindo-se o professor como um orientador e mediador.

Relativamente à EaD, nesta fase digital, podemos distinguir algumas modalidades: o *e-learning* em total ambiente virtual; o *b-learning* como modalidade de ensino/educação misto que combina as sessões presenciais com as sessões *online* síncronas e/ou assíncronas e o *m-learning* como modalidade de ensino/educação interactiva a distância. Este último constitui-se como uma modalidade de educação a distância cujas práticas estão centradas na selecção, organização e disponibilização de recursos didácticos hipermediáticos, aproveitando o potencial de interactividade das TIC. Moran (2003) define educação *online* como “o conjunto de acções de ensino/aprendizagem desenvolvidas por meio de meios telemáticos, como a Internet, a videoconferência e a teleconferência”. É frequente incluir todas estas modalidades na designação *online*.

Harasim (2000) considera que a educação *online* assenta em três princípios: princípio da colaboração, princípio do acesso e princípio da construção sobre o conhecimento. Podemos, então, afirmar que a modalidade *online* permite a interacção do conhecimento e, embora seja um acto individual, poderá privilegiar modelos que se centram no trabalho colaborativo, tornando-se o aluno/formando um sujeito activo, quer na pesquisa, quer na partilha de conteúdos, quer na construção do seu próprio conhecimento.

Situados nesta realidade, emerge uma multiplicidade de questões, surgindo algumas em total novidade. Destacamos aquelas que se dirigem a perfis para quem estuda e para quem ensina em ambientes virtuais. Neste estudo, demos particular atenção ‘a quem estuda’ objecto de uma investigação que contextualiza o título da nossa comunicação – “Estudante online: que competências?” e a cujo processo se impõe uma referência.

Reflectiremos, num primeiro ponto, acerca do conceito de competência visando operacionalizá-lo para, num segundo ponto, identificarmos um conjunto de competências básicas do estudante *online*. Dedicaremos o ponto três a uma análise crítica das competências identificadas e, finalmente, apresentaremos uma curta reflexão sobre alguns enunciados que confrontam “competências do estudante na modalidade de aprendizagem online” com as “competências do professor na modalidade de ensino online”.

### **Aspectos operacionais**

No contexto já referido, tendo como objectivo central a integração dos alunos num ambiente de ensino-aprendizagem virtual, foi orientada uma investigação com a finalidade de conhecer e desenvolver competências de um estudante que pretende aprender dentro da modalidade *online*. Foi antecedida por um estudo sobre o significado de “educação a distância” e suas diferentes modalidades. Esta investigação organizou-se na aplicação da metodologia do trabalho em grupo, cuja constituição foi da responsabilidade do professor, com escolha aleatória dos diferentes membros. Cada grupo teve como primeira tarefa a designação de um(a) coordenador(a). Seguiu-se a pesquisa orientada pela questão “Que competências deve ter o estudante *online*? Uma terceira tarefa correspondeu à elaboração de um documento, com os resultados dessa pesquisa. Cada grupo disponibilizou o seu documento para a turma, provocando um conjunto de comentários significativos.

A Internet foi considerada como a principal ferramenta, permitindo o recurso aos motores de busca típicos: *Google* ([www.google.pt](http://www.google.pt); [www.google.fr](http://www.google.fr)), *Yahoo* (<http://www.yahoo.com>) e *Altavista* (<http://pt.altavista.com/>). Utilizaram-se, como referentes, os conceitos de *estudante online*, *perfil do estudante online*, *competências*, *competências do estudante do mestrado em supervisão pedagógica* e *skills*. Progressivamente, os estudantes partilharam, através de um Fórum, os endereços relevantes reunidos nas pesquisas individuais, promovendo-se assim a construção de uma visão comum do tema em desenvolvimento.

O *site* da Universidade Aberta foi aquele que ofereceu melhor resposta, possibilitando a pesquisa em *links* directamente relacionados com o Curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica.

## **1. Operacionalização do conceito de competência.**

A identificação de competências impõe que se passe pela clarificação do conceito de ‘competência’, assumindo-o como o alicerce sobre o qual se contrói um ou mais perfis de ‘estudante online’.

Perrenoud (1985) define competência como “um saber em uso”. Por sua vez, Roldão (2003, p. 20), considera que “Existe competência (ou competências) quando, perante uma situação, se é capaz de mobilizar adequadamente diversos conhecimentos prévios, seleccioná-los e integrá-los adequadamente perante aquela situação. (...) “A competência não exclui, mas exige a apropriação sólida e ampla de conteúdos, organizados numa síntese integradora, apropriada pelo sujeito, de modo a permitir-lhe «convocar» esse conhecimento face às diferentes situações e contextos. A competência implica a capacidade de ajustar os saberes a cada situação – por isso eles têm de estar consolidados, integrados e [ser] portadores de mobilidade” (Roldão, 2003, p.24). Para Tanguy e Ropé (1997) competência será um “conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam para a discussão, a consulta, a decisão de tudo o que concerne a um ofício, supondo conhecimentos teóricos fundamentados, acompanhados das qualidades e da capacidade que permitem executar as decisões sugeridas”.

Gaspar (2003, pág. 67), reportando-se ao ensino a distância, refere que “O ensino a distância, em regime *online*, centra-se essencialmente no aluno como pessoa e pode implementar metodologias que valorizam aquilo que Matias Alves (1998) designa de “competências mais mobilizadoras”: a capacidade de iniciativa, a cooperação, o trabalho em equipa, a comunicação e o saber aprender. Associa o que Steedman (1998) identifica como quatro domínios de competências a desenvolver em qualquer modalidade de ensino, dentro do sistema de educação formal: resolução de problemas, capacidades de comunicação, conhecimento e compreensão dos mecanismos sociais e capacidade de auto-avaliação e de auto-responsabilização pelo próprio desenvolvimento”.

Entendemos por competência, a capacidade de mobilizar os conhecimentos adquiridos ajustando-os a contextos.

Depois desta incursão, estávamos prontos para nos debruçarmos sobre as competências que qualquer candidato a estudante *online* precisa de possuir quando embarca nessa aventura.

Sim, uma grande aventura, porque a Educação a Distância ao ser mediada pela tecnologia (meio essencial que possibilita a comunicação entre professor e estudantes, separados geográfica e temporalmente numa abordagem de um-para-um, um-para-muitos, muitos-para-muitos), estabelece papéis distintos para o professor e para o estudante. O primeiro orienta e guia, o segundo mostra-se activo, autónomo e responsável pela gestão do seu processo de aprendizagem, constituindo-se numa caminhada conjunta rumo à aprendizagem.

## **2. Competências essenciais à aprendizagem a distância, em sala virtual.**

Se há competências comuns a todos os estudantes seja qual for a modalidade de ensino em que se enquadre, ao estudante online exige-se-lhe o que Alves, já referido, “designa de “competências mais mobilizadoras”: a capacidade de iniciativa, a cooperação, o trabalho em equipa, a comunicação e o saber aprender”.

As TIC têm evidenciado, na Educação a Distância, o que deveria ser o cerne de qualquer processo de educação: a interacção e a interlocução entre todos os que estão envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Esta nova tendência no campo da Educação, em que o aluno se projecta, permite a discussão de assuntos de maneira (in)formal, aumentando o interesse por inúmeras questões, levando à pesquisa, à transmissão da informação, ao pensamento em conjunto (e não de conjunto), à partilha de conhecimento, à reflexão. Todo este intercâmbio desenrola-se a grande velocidade que, bem utilizado, promoverá a autonomia e proporcionará o desenvolvimento pessoal e profissional.

Expor pensamentos e ideias e receber comentários sobre eles promove a construção do conhecimento num ambiente de aprendizagem colaborativa, possível através de uma sala virtual o que implica contextos (ou condições) tecnológicas adequadas.

Ultrapassada a questão dos recursos tecnológicos essenciais à modalidade de educação online, dos quais destacamos um computador com Internet, e-mail e permissão para downloads, bem como o acesso a periféricos como uma impressora e um *scan*, e ainda a dispositivos de armazenamento como as *pen* podemos definir como primeiro conjunto de Competências Tecnológicas: em que é necessário saber utilizar um browser, pesquisar na Internet através dos motores de busca, utilizar o correio electrónico, utilizar um processador de texto e demais software, e saber criar ficheiros de segurança informática.

O papel de qualquer estudante é aprender, para tal é necessário motivação e capacidade para analisar informação relacionada com as matérias em estudo. No caso da EaD *online*, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais complexo, assumindo um perfil de exigência característico, marcado pelo isolamento que o estudante experimenta face ao ecrã do computador, faltando o contacto face a face, com colegas e professores, característico da educação presencial. É neste contexto que identificamos um segundo conjunto de competências, que denominamos Competências Pessoais. Aqui destacamos a auto-motivação, a autoconfiança, o espírito de iniciativa, o desejo de aprender, o sentido de organização, o elevado sentido de responsabilidade, capacidade de pesquisa, selecção da informação, análise, reflexão e espírito crítico, em que a auto-disciplina marca o nível de autonomia no estudo.

Relacionadas com estas competências pessoais que não são exclusivas do estudante *online* mas que são essenciais nesta modalidade de ensino, identificamos o terceiro conjunto de competências, as Competências Comunicacionais, em que a linguagem escrita é o tipo de comunicação por excelência, exigindo-se que seja uma escrita correcta, clara e sintética; que reflita uma participação activa, construtiva, dialogante e empática, revelando poder de argumentação e negociação.

Assim sendo, o estudante *online* está sempre em relação, uma relação virtual, pelo que necessita de desenvolver um quarto conjunto de competências, as Competências Sociais/Relacionais. Estas incidem ao nível da iniciativa, da participação cordial, da ajuda, do debate e da colaboração em grupo, ultrapassando as próprias limitações, em que o esforço de adaptação e interacção entre o próprio estudante, os colegas (o grupo) e o(s) professor(es) marcam a dinâmica da aprendizagem. Pressupõem que cada um identifique o seu ritmo e o seu estilo de aprendizagem (conta-se com uma reflexão sobre si próprio), e respeite o ritmo e estilo dos colegas/grupo. Promove-se, assim, a reflexão sobre as experiências e vivências, torna-se o que nos parece fulcral para o sucesso dos trabalhos/actividades a desenvolver e conseqüentemente para o sucesso da aprendizagem através da construção do conhecimento.

Na modalidade de educação *online*, com a aplicação de modelos de aprendizagem colaborativa, de acordo com o que já foi referido, evidencia-se: (i) a necessidade de clarificar o pensamento, através de estudo, pesquisa e reflexão; (ii) a importância em expressar o pensamento com rapidez, em articulação com o pensamento dos outros participantes; (iii) a coordenação e integração da colaboração em fóruns colectivos; (iv) o esforço pela síntese; (v) a produção de conhecimento validado por todos e (vi) o

imperativo em revelar que o conhecimento foi apropriado e se reflecte em competências desenvolvidas. Perante estes enunciados, parece ainda emergir um quinto conjunto de competências, são as Competências de Planificação. Destas, destacamos a capacidade de gestão do tempo, numa distribuição pelo tempo necessário ao estudo individual e do tempo necessário à partilha do conhecimento, a capacidade de avaliação das expectativas e de previsão do tempo necessário para realizar as actividades, a capacidade de gestão da flexibilidade e definição de prioridades para cumprir os prazos, de modo a garantir o cumprimento de todas as tarefas em tempo útil.

Em síntese, podemos estruturar estas competências básicas do estudante *online* segundo os quatro saberes que identificamos com os quatro pilares da Educação apontados “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI”: O Saber-Conhecer, em que o estudante *online* revela conhecimentos de si próprio, das suas capacidades e limitações, e conhecimentos técnicos e científicos ao nível da utilização das tecnologias e dos conteúdos temáticos. O Saber-Fazer, em que o estudante *online* revela conhecimentos de planificação e exploração de recursos, colocando-os ao seu serviço. O Saber-Conviver, em que o estudante *online* revela capacidade para estabelecer relações de partilha e interacção dialogantes. E o Saber-Ser, em que o estudante *online* revela conhecimento de si ao nível do psico-afectivo, dos sentimentos, da motivação e da auto-estima.

No quadro que a seguir se apresenta, tentámos explicitar a relação entre as competências que estruturam o perfil do estudante *online* e os “pilares da educação”, definidos no “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI”.

<b>Os quatro pilares da educação</b>	<b>Competências do estudante <i>online</i></b>
Aprender a conhecer	Capacidade em utilizar as novas tecnologias (computador; pesquisa na internet; correio electrónico). Capacidade de aprender a aprender (exercitar a memória, a atenção e o pensamento).
Aprender a fazer	Capacidade em pesquisar e seleccionar informação. Capacidade de planificar. Capacidade de explorar os recursos disponíveis.
Aprender a viver juntos/aprender a conviver com os outros	Capacidade para estabelecer relações de partilha e interacção dialogantes; Compreensão do outro; Percepção das interdependências em projectos comuns; Capacidade de gerir conflitos - no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e do bem-estar comum.
Aprender a ser	Conhecimento de si ao nível do psico-afectivo, dos sentimentos, da motivação e da auto-estima; Capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal.



Poderemos avançar que esta relação permite admitir que estamos perante um novo paradigma educacional, tendência que se tem afirmado ao longo da última década. Entendemos que este paradigma assenta em dois princípios determinantes: (i) a educação focaliza-se na aprendizagem e (ii) a aprendizagem pode realizar-se com a flexibilidade do tempo e a utilização de espaços virtuais. Estes princípios, em nosso entender, têm o seu fundamento na realização do indivíduo, pela conjugação da perspectiva pessoal com a social que sobreleva a relação directa da aquisição do conhecimento com o desenvolvimento de competências e a aprendizagem construída em partilha o que pressupõe a colaboração.

### **3. Análise crítica de competências para um estudante online**

O estudante virtual tem obrigatoriamente que ajustar a sua postura a este novo contexto de aprendizagem virtual, desenvolvendo características de modo a não sentir-se um *outsider*. A comunicação e a interacção são de modo distinto relativamente à educação presencial (talvez a única tipologia conhecida pela grande maioria daqueles que chegam a esta modalidade de ensinar e aprender). O estudante *online* tem que perceber as interacções dos colegas, tal como as suas de uma forma completamente nova. A assincronia da comunicação condiciona a percepção da própria aprendizagem; alguns estudantes começam por se transformarem em espectadores por alguns receios ou inibições que os invadem e, assim, criam uma primeira dificuldade: acompanhar o ritmo do grupo. A interacção ao ser desencadeada pelos estudantes, em tempo diferente, não obedece a um ritmo específico e ordenado, o que pode trazer dificuldade acrescida por um lado, mas também a possibilidade de maior reflexão, pois as contribuições de cada estudante, sendo desfasadas no tempo, permitem uma reflexão mais consistente em relação à que o ambiente presencial permite.

Sublinhamos que a aprendizagem *online* é uma aprendizagem auto-dirigida e colaborativa, assente nos paradigmas construtivista e socioconstrutivista, em que o estudante é autónomo e activo, pois uma das finalidades é que se torne membro de uma comunidade virtual de aprendizagem, colocando as suas capacidades individuais ao serviço do grupo.

A educação presencial pode, muitas vezes, ser inibidora de uma interacção livre, franca, aberta, autêntica entre alunos/alunos e alunos/professores. Nem sempre é fácil intervir em presença, logo, o acesso directo às reacções e expressões do Outro pode funcionar como elemento dissuasor e inibidor da participação para intervenientes mais

introvertidos, ao passo que a aula virtual reunirá para muitos as condições ideais para uma interacção mais fluida, despreocupada e espontânea, estando ausente “o perigo” do falar em público. Assim, aquilo que para muitos críticos deste tipo de educação é uma desvantagem (a principal, mesmo) acaba por ser uma mais-valia na óptica do utilizador.

O estudante *online*, em modelos de aprendizagem colaborativa, deverá estar altamente motivado e ser responsável pela sua aprendizagem, negociando com o(s) professor(es) os objectivos de aprendizagem através de um “contrato de aprendizagem” para cada unidade curricular. Consciente das suas necessidades, fraquezas e competências, deverá encontrar no(s) professor(es) os facilitadores e os orientadores dessa mesma aprendizagem, na esperança de receberem um *feedback* regular com críticas construtivas, comentários e sugestões. Desta forma, o estudante sentir-se-á encorajado pelo(s) professor(es) que reforça(m), nele, atitudes e propósitos positivos.

A busca da construção do conhecimento, através da partilha, do respeito pelos ritmos pessoais e pela entreajuda, ajudam ao crescimento pessoal e colectivo. Impulsionados, uns pelos outros, parece ser um factor de contexto que facilita o crescimento intelectual individual e colectivo. Segundo Afonso (2001) participar na construção do conhecimento, aceitando o estilo de aprendizagem de cada um, fará crescer um sentimento de pertença e de responsabilidade característico do espírito de equipa, indispensável para a construção de uma comunidade de aprendizagem, que constitui o ambiente intelectual, social, cultural e psicológico, que facilita e sustenta a aprendizagem enquanto promove a interacção, a colaboração e a construção de presença entre os membros.

### **Considerações finais**

A educação a distância representou sempre um desafio ao professor no que diz respeito às abordagens pedagógicas, concretizadas no processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, foi-se desenvolvendo uma pedagogia própria do ensino a distância que, mais recentemente, tem vindo a usufruir das potencialidades disponíveis com o uso do computador aliado à generalização da internet. As novas tecnologias de aprendizagem, como os ambientes de aprendizagem virtuais, proporcionam a arquitectura necessária ao suporte de grupos e comunidades no ciberespaço. Deste modo, professores e estudantes, vivendo em diversos espaços geográficos e provindo de diferentes culturas, podem desenvolver um forte sentido de pertença a uma comunidade de aprendizagem.

Neste contexto, os desafios do *e-learning*, sobretudo na aplicação de modelos pedagógicos que assentam na aprendizagem colaborativa, colocam os professores perante a (re)avaliação das suas práticas e a reconstrução do significado de ensino e aprendizagem. Os professores são desafiados a perspectivar os estudantes como agentes da sua própria aprendizagem, pressupondo o desenvolvimento de um ensino centrado no estudante. Cabe ao professor um papel de mediador no processo de aprendizagem onde a orientação e o apoio aos estudantes são essenciais, tal como a promoção da auto-gestão, quer do tempo a disponibilizar quer do estudo e da reflexão a realizar. Parece-nos que, neste contexto, o professor tem um papel fundamental na consecução dos objectivos para a aprendizagem. É suposto que surjam muitas dúvidas, algumas, serão, talvez, muito inquietantes... Estas dúvidas têm resultado num conjunto de interrogações que vão construindo um “inquérito” a cuja resposta se espera construir uma matriz que permita o desenho do(s) perfil(is) do professor *online*.

O que significa, então, ensinar neste tempo de *e-learning*? Quais as competências do professor *online*? É possível delinear um conjunto de competências para o professor *online*, tal como se enunciou para o estudante *online*? Quando se fala em estudante e professor *online* não se introduz uma ideia demasiado generalizada, tendo em conta que, para alguns teóricos, vários modelos de aprendizagem poderão ser considerados dentro da modalidade *online*? A aprendizagem para os estudantes que frequentam estudos oferecidos em modalidade *online* não poderá estar fragilizada quando os professores que os acompanham não desenvolveram competências adequadas a esta modalidade de ensino-aprendizagem?

Estas são algumas das questões importantes que entendemos merecerem reflexão quando se investiga o processo de ensino e aprendizagem num novo contexto – o contexto virtual. É do nosso interesse desencadear a investigação com esta componente, em paralelo com a continuidade da investigação, a propósito das “competências do estudante online”.

### **Referências Bibliográficas**

Afonso, A. P. (2001). *Comunidades de Aprendizagem para a Gestão da Aprendizagem*.

Consultado a 25 de Setembro de 2009 em

<http://www.nonio.uminho.pt/challenges/actchal01/048-Ana%20Afonso%20427-432.pdf>

- Alves, M. & Steedman, H. (1998). *Na Sociedade da informação – o que aprender na escola?*. Porto: Edições Asa.
- CIME – Comissão Interministerial para o Emprego, Terminologia de Formação Profissional, Alguns conceitos base – III, Direcção-Geral do Emprego e Formação Profissional. Lisboa, Abril 2001.
- Delors, J. (1996). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições Asa.
- Dillenbourg, P. (Ed.). (1999). *Collaborative learning: Cognitive and computational approaches*. Oxford: Pergamon
- Gaspar, M. I.(2003). “Duas Metodologias de Ensino em Educação a Distância Online”. In *Discursos, Série Perspectivas em Educação*, n.º 1. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 65-75.
- Harasim, L. (2003). Online Education as a New paradigm in Learning. Consultado a 12 de Novembro de 2003 em [www.aquifolium.com/pioneiros/harasim.html](http://www.aquifolium.com/pioneiros/harasim.html)
- Moran, J. M. (2003). Contribuições para uma pedagogia da educação *online*. In: SILVA, M. (org.). *Educação online*. São Paulo: Loyola.
- Morgado, L.(2001). “O Papel do Professor em Contextos de Ensino Online: Problemas E Virtualidades”. In *Discursos, Perspectivas em Educação*, III Série, n.º especial. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 125-138.
- Pereira, Mendes, Mota, Morgado & Aires. (2003). “Instrumentos de Apoio ao Ensino Online: Guia do Estudante Online”. In *Discursos-Perspectivas em Educação*, nº 1. Lisboa: Universidade Aberta, pp.39-53. Consultado a 24 de Setembro de 2009 [http://www.univ-ab.pt/disciplinas/dce/pagina\\_dce/docs/modelopedagogico.pdf](http://www.univ-ab.pt/disciplinas/dce/pagina_dce/docs/modelopedagogico.pdf)
- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: ARTMED.
- Portway, P. S. & Lane, C. (1994). *Guide to teleconferencing and distance learning* Livermore, CA: Applied Business Tele-Communication.
- Rodrigues, M.A., Mendes, A.Q. (2005). “Do presencial ao *online*: um estudo sobre as atitudes de estudantes face a situações de aprendizagem *online*”. In *VII Simpósio Internacional de Informática Educativa-SIIE05*. Consultado a 24 de Setembro <http://www.niee.ufrgs.br/eventos/SIIE/2005/PDFs/Comunica%E7%F5es/c89-Rodrigues.pdf>
- Roldão, M. C. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências. As questões dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Tanguy, L. & Ropé, F. (1997). *Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa*. São Paulo: Papirus.

---

<sup>1</sup> A base deste estudo foi objecto de trabalho de uma turma do Mestrado em Supervisão Pedagógica, constituída por: Alice Cruz; Ana Paulo; Ana Avillez; Andreia Moreira; Berta Bemhaja; Conceição Alencão; Fátima Santos; Felícia Figueiredo; Fernanda Jerónimo; Filomena Batalha; Filomena Lopes; Firmo Ferreira; Glória Santos; Ilda Bicacro; Isabel Silva; Isabel Ruivo; José Raimundo; Julieta Cordas; Manuela Pereira; Manuela Dâmaso; Margarida Silva; Natália Viseu; Olga Sousa; Paulo Dias; Preciosa Costa; Rita Baptista; Serafina Cabral.